

Bancos di nida t europeus...

por Mário de Almeida
de Paris
(Continuação da 1ª página)

US\$9 bilhões programados. Segundo, é que os bancos que se apegam a esse tratamento de "pão e água" querem manter a pressão até o momento de receber tudo que é seu. São personagens típicos do capitalismo, para quem o sucesso é produto do esforço — e não de qualquer consideração moral.

Para eles, o Brasil é hoje um símbolo de fracasso. Sua preocupação atual é saber quanto gastará em 1985 para tapar os buracos do balanço de pagamentos.

O número que circula atualmente sugere um déficit em conta corrente de US\$ 5,5 bilhões para o primeiro ano do mandato do futuro presidente da República, que toma posse em 15 de março de 85. A conta apóia-se em parte nas projeções do Morgan Guaranty, de Nova York, que supõe um crescimento econômico de 3% para o mundo industrializado pelo menos até o final daquele ano, de forma que as exportações brasileiras possam chegar a US\$ 27,5 bilhões.

20 SET 1983

Bancos europeus mostram cautela

di nida
por Mário de Almeida
de Paris

O mais novo pacto entre o Brasil e os bancos internacionais, fechado há dois dias, sob a condição de que os salários permanecerão controlados, ecoou pela Europa num ambiente de indiferença.

Os credores sabem que o Brasil continuará em má forma econômica nos próximos anos e é possível detectar entre os bancos privados uma reação importante ao compromisso do "advisory committee", de Nova York, de liberar US\$ 6,5 bilhões em novos empréstimos até o final de 1984 — a perna aparentemente mais delicada do "pacote", que inclui a renegociação da dívida garantida por entidades públicas (US\$ 2 bilhões) e a concessão de novos financiamentos para importação (US\$ 2,5 bilhões).

Os bancos comerciais que têm dinheiro aplicado no Brasil estão, na verdade, conformados com o refinanciamento dos seus empréstimos. Mas não pretendem, no momento, dar novas armas ao devedor. Por isso, na Suíça, na Holanda, na Alemanha e mesmo na França, cresce um murmúrio contra a decisão do comitê de bancos de Nova York de incluir uma verba para reforçar as reservas monetárias do Banco Central do Brasil no próximo envelope de empréstimos.

Este jornal recolheu ontem, em mais de uma instituição, a certeza de que o balanço de contas correntes poderá chegar fechado no final de 1984 com uma injeção líquida de US\$ 4,5 bilhões — número com o qual trabalham para efeitos internos desde o começo da renegociação.

Há duas observações a fazer a respeito dessa cifra menor. Primeiro, ela é correta no sentido estrito, contábil, de um balanço de contas correntes. A questão é que, pagos todos os atrasados comerciais e financeiros, a posição das reservas no Banco Central voltará a se aproximar, sem tocar, dos US\$ 3 bilhões, incluindo aí os papéis de cobrança problemática e o estoque mínimo de ouro. Na prática, o Brasil continuaria sem margem de manobra até o final de 1984, a menos que a recuperação econômica mundial ofereça um saldo de comércio ainda maior do que os

(Continua na página 13)